SEGREDOS DE SANGUE

I- ONDE TUDO COMEÇOU

No longínquo interior, em uma pequena propriedade rural, distante alguns quilômetros da cidade mais próxima, vivia Pedro Ribeiro, moço forte, havia nascido um menino saudável, dado ao trabalho na lavoura desde os sete anos de idade. Filho de um casal de pequenos agricultores, pessoas humildes, semi analfabetos, que trazem em seus rostos o sofrimento, marcas de anos de lutas tombando a terra no cabo de uma enxada, usando um arado rude, puxado por um boi já envelhecido, semeando e esperando que Deus desse bom tempo para uma colheita proveitosa.

Pedro Ribeiro era o filho mais velho de mais três irmãos, todos vivendo sob o mesmo teto, a casa humilde de taipa, com piso de chão, sem o mínimo de conforto, dividiam metodicamente cada espaço da casa, eram apenas dois quartos, o dos pais de Pedro e o quarto onde viviam ele e os outros três irmãos.

A propriedade havia sido comprada pelos pais de Pedro graças a um financiamento feito junto ao governo federal, era um sitio simples, com um rio que passava ao fundo, devido ao desprovimento financeiro, eles não possuíam nenhuma benfeitoria no local, apenas algumas pequenas criações, algumas galinhas, um chiqueiro com dois porcos, o boi velho que puxava o arado rude, e, dois cavalos que, eram comumente usados por Pedro e seu pai, para irem à cidade quando necessitavam.

A água era toda proveniente de poços artesianos, a luz elétrica havia chegado há bem pouco tempo por ali, e ainda era precária. Pedro estudou muito pouco, até o quarto ano do primário, a distancia entre a propriedade

e a escola, aliada a necessidade de ajudar no sustento da família, fizeram com que, ele abandonasse qualquer tentativa de ir à escola.

Nas horas de almoço, abria a velha marmita amassada, sentava-se embaixo de uma centenária paineira, que seu pai dizia ter servido como local para castigo de escravos há muitos anos atrás.

Seu alimento quase sempre era o mesmo, um arroz com feijão e ovos fritos, ou, na falta dos ovos, o arroz com feijão e uma salada de verduras, ou, quando havia novidade uma farinha de mandioca.

Pedro quase não tinha amigos, conhecia algumas pessoas na cidade, era tímido, de trato simples, falava pouco, tinha um olhar aguçado, observava mais do que falava, era o legitimo matuto. Seus olhos eram negros como a noite sem estrelas, tinha os ombros largos e os braços fortes, era alto, tinha hum metro e oitenta e oito de altura, se por um lado impunha respeito por sua compleição física, seu coração era dócil, generoso, prova disso foi na ocasião em que, andou os quase vinte quilômetros até a cidade para buscar um remédio para Dona Esmeralda, que era vizinha da propriedade onde ele morava.

Havia herdado o mesmo nome de seu pai, Pedro Ribeiro, seu irmão mais novo, o segundo filho do casal era Nelson Ribeiro, em homenagem ao avô paterno, falecido alguns anos antes, que tinha este nome, os demais filhos foram todos registrados com nomes de santos do dia em que nasceram, a família era católica fervorosa por isso esta homenagem aos santos.

O radio de pilha era o condutor responsável por trazer para aquela família, as noticias do mundo exterior, todas as noites, sentavam-se, os pais e os filhos na varanda da casa, para escutarem as noticias, todos ouviam atentamente o radio, vez ou outra surgiam comentários sobre alguma noticia dada, mas sem muito efeito, pois muito pouco ou quase nada entendiam sobre política, esportes, economia, ou outras matérias ali faladas.

Após ouvirem o radio, a mãe convocava todos para elevarem a Deus uma prece de agradecimento por mais um dia e depois todos dormiam. Cada um era 9responsável por conduzir as preces em uma noite, rezavam e depois recolhiam-se aos aposentos.

Aos domingos pela manhã era sagrado, a família toda ia para a missa na igreja matriz da cidade, colocavam suas melhores roupas, que na realidade não eram roupas tão belas, e partiam felizes para a missa dominical.

O pai de Pedro, apesar de sua falta de cultura e rigidez, era um homem de tremenda sabedoria popular, munido de um pequeno raminho de arvore, ou, uma folhinha de grama, que sempre trazia preso ao canto da boca, falava aos filhos sobre a importância de trabalhar, da dignidade humana que se forma através do caráter, era um homem de muito brio, humilde e honrado, honesto de decente, suas virtudes superavam há muitos outros homens de dinheiro das redondezas, que possuíam o poder financeiro, mas faltavam-lhes o caráter, a honra, a honestidade.

Ele transmitia aos filhos, tudo o que aprendera com seu pai, o homem deve honrar sua palavra, o homem deve obedecer as leis, e, somente ter consigo aquilo que realmente lhe pertença.

Pedro Ribeiro recebeu seu pequeno, porem, honrado ordenado, seu pai lhe dera um quase imperceptível aumento, pois a colheita havia sido um pouco melhor. Assim sendo, resolveu ir a cidade precisava comprar uma camisa nova, e uma calça, além de, comprar algumas peças de roupas para seus irmãos, tudo o que ele fazia, colocava seus irmãos em seus objetivos, jamais pensara apenas em seu bem estar, era extremamente altruísta, não possuía fantasias e sonhos em que reinasse o egocentrismo.

Naquela noite, jantaram e fizeram a costumeira rotina, ouviram um pouco de radio e foram para as preces noturnas, logo apagaram as luzes e dormiram.

Durante a noite Pedro que tinha problemas com o sono desde tenra idade, acordou assustado no meio da madrugada, suando muito, sentou-se na cama, mas não fez barulho algum para não acordar seus irmãos que dormiam profundamente.

Ele havia tido um pesadelo, sonhara que, uma serpente enorme e muito poderosa, com asas e sete chifres atacava seu pai, matando-o.

Em silencio agradeceu a Deus por ter sido apenas um sonho, rezou em voz baixa levantou para beber um pouco de água, e voltou para dormir.

Na manhã seguinte, logo após as quatro da manhã, tomou seu café, apanhou sua marmita e foi preparar o cavalo, iria trabalhar um pouco mais longe na propriedade, arrumaria a cerca, pois em vários pontos ela estava avariada, devido as fortes chuvas de alguns dias anteriores, que ocasionaram a queda de vários mourões de cercas.

Seu pai foi para a semeadura, com a terra pronta para o plantio, a nova safra deveria ser colhida no tempo ideal, segundo planejamento da família, portanto, não poderia haver perda de tempo.

Pedro não contou para seu pai sobre o sonho na noite anterior, nem para seu irmão, Nelson, o segundo filho mais velho, que começara a trabalhar arduamente ao lado de Pedro no campo.

Naquele dia, enquanto Pedro e seu irmão almoçavam debaixo de uma centenária arvore, que resistia bravamente ao tempo, ainda mostrando sua imponência e altivez, Pedrão voltara para casa, sabia que, o Sr. Tuffic iria chegar. Por volta do meio dia, o libanês chegou a propriedade dos Ribeiro.

O velho camponês estava descansando sentado em um banquinho de madeira, debaixo de uma mangueira próxima a frente de sua casa.

O Sr. Tuffic chegou em sua linda e novíssima caminhonete preta, destas que, custam muito dinheiro, de longe avistou Pedrão, que, calmamente observava seu chapéu as mãos, e um velho raminho preso aos lábios como de costume.

O libanês aproximou-se e cumprimentando o humilde camponês foi logo dizendo:

-Bom, senhor Pedro. Como deve ser de seu conhecimento, estou disposto a comprar sua propriedade, na semana passada comprei o sitio de Dona Esmeralda e do Seu Pastore, ambos vizinhos do senhor, pretendo comprar o seu agora, vou fechar as três propriedades, transformá-las em uma apenas, onde construirei uma bela pousada de descanso por aqui, me diga seu preço e vamos dar inicio a negociação, disse o comerciante. Pedrão calmamente ouviu a proposta em silencio, olhou um pouco para o nada como se estivesse refletindo em algo, e ajeitando o chapéu na cabeça, respondeu:

-Sou um homem que nada tenho, trabalho lutando com a vida para manter a minha família, a única coisa que tenho, são estes poucos pedaços de chão,

e pretendo deixá-los aos meus filhos, meu preço é zero, não vou vender nada.

O comerciante ouvindo a negativa do patriarca da família, sorriu puxando o canto dos lábios, e, olhando para o homem respondeu:

-Mas, seu Pedro, há quantos anos te conheço e sei que você nunca passou de duas camisas. Você trabalha a terra, planta, colhe, e seu lucro é pífio, estou lhe dando a oportunidade de vender a sua propriedade por um dinheiro que o senhor jamais irá ganhar, pense um pouco, darei três dias para ouvir a sua resposta.

O homem humilde, de pouca fala e muito trabalho, de sabedoria camponesa, passou a mão pela grama, tateou e puxou um raminho, trazendo-o à boca, olhou para o comerciante devidamente trajado em um belo terno de linho, e disse-lhe:

-Não é necessário que o senhor espere por três dias, a minha resposta é negativa. Não venderei nada, nem por um avião de dinheiro, este solo é sagrado para mim, e muito mais sagrado para minha família, daqui sairei apenas para a derradeira morada e meus filhos poderão fazer o que bem entenderem com este pedaço de chão.

O senhor Tuffic ouviu, desejou uma boa tarde ao bravo guerreiro, e entrando em sua potente caminhonete deu meia volta em direção à cidade.

O Raio X da Família Ribeiro

No lar da família Ribeiro, tudo caminhava na mais pura ordem e decência, como se deve ser em uma família normal da sociedade, infelizmente fato raro nos dias atuais.

Os pais e filhos convivendo harmonicamente como sempre. Ana Maria a esposa dedicada, filha de um casal de camponeses humildes, que haviam falecido há alguns anos atrás, casou-se com Pedro, conhecido por todos como Pedrão, à contragosto de seus pais, eles acreditavam que, pela beleza que Ana Maria tinha, poderia arrumar um marido rico que a sustentaria por toda vida com regalo e privilégios, e que, Pedrão jamais seria um bom marido, era pobre, não possuía bens e posses, isso à faria sofrer muito na vida.

Ana Maria sempre agradeceu à Deus por ter colocado em sua vida, um marido fiel e companheiro, responsável, honesto e de caráter e dignidade, mesmo pobre, desprovido de recursos financeiros, era batalhador, que sempre buscou seu espaço honestamente, por isso, deitava e dormia tranquilamente, sabendo que, não tinha nada a temer em sua honra, sua moral e sua conduta.

Pela tradição religiosa em que foram criados, um catolicismo puro e integro, tanto Pedrão como Ana Maria, jamais aceitariam desonestidade, a perversidade de caráter, a imoralidade da conduta, isto, eles procuravam transmitir da forma mais singela aos filhos, e, com certeza, transmitiram muito bem, porque Pedro o filho mais velho era um exemplo na conduta, um jovem que não encontrava-se nele, a ganância desmedida, interesses de se ganhar e subir na vida de forma ilícita ou usando pessoas como um viés para tal atitude, por varias vezes, Pedro diz ter preferido a morte do que cair em desgraça e desonra perante seus pais.

Nelson o segundo filho, apesar dos sonhos e da vontade de ir embora para a capital, era um bom moço, porem, notava-se nele, um pouco mais de malicia do que em Pedro, este segundo dono de um ar mais puro e ingênuo.

Os demais filhos sempre foram mais obedientes, talvez pela idade menor, eram dependentes.

Maria Madalena era o terceiro filho, ela era dois anos mais nova que Nelson, sonhava em ser artista, mais precisamente, bailarina, mas, as dificuldades para estudar não deixaram que alimentasse seu sonho, era uma menina regrada e obediente, ajudava a mãe nas tarefas do lar, e cuidava do outro irmão mais novo, o caçula, chamado João Batista.

INICIO DA DERROCADA.....

Pedrão vai à loja de Tuffic, o comerciante ainda não estava por lá, resolve esperar, tem que resolver o problema naquele dia. O senhor Tuffic chega á loja, e convida Pedrão para que suba ao mezanino onde tem seu escritório para que conversassem, Pedro o filho, já havia resolvido a negociação com o atravessador, e, estava indo embora à cavalo de volta ao sitio, quando passa diante da loja do libanês, Pedro escuta gritos que vem de dentro da loja, alguns funcionários saem correndo, clientes que ali estavam, era poucos porque a loja havia acabado de abrir ao publico naquela manhã, também saem correndo, Pedro resolve descer do cavalo e entrar na loja, quando

encontra seu pai muito nervoso, e só quer sair dali como outras pessoas, Pedro intercepta seu pai segurando-o pelo braço e pergunta:

-O que houve pai, por que esta correria?

-Meu filho, vamos sair daqui, eu estava conversando com o libanês, quando de súbito, ele caiu com o rosto na mesa, só pude ver o sangue sobre os papeis, ele levou um tiro certeiro na cabeça, Pedro interrompe seu pai e pergunta:

-Mas pai, o senhor não viu quem deu o tiro?, tinha alguém no escritório alem de vocês dois?

-Não meu filho, estávamos conversando então de repente ele caiu sobre a mesa na minha frente, estou atônito, não sei de onde partiu este tiro.

Pedro sai juntamente com seu pai, a rua em poucos segundos está repleta de transeuntes, a maioria curiosos, todos querem saber o que havia acontecido.

Pai e filho montam em seus respectivos cavalos e partem para casa.

Ana Maria percebe que, os dois estão alterados, nervosos e trêmulos, ela como sempre discreta, respeitando o poder patriarcal, não pergunta nada. Eles entram em casa, sentam-se próximos à janela da cozinha, que dá visão aos fundos da propriedade.

Ana Maria prepara um suco, uma limonada com muito açúcar para os dois, que bebem aos goles galopantes, e aos poucos vão se acalmando. Depois de um breve silencio Pedro pergunta à seu pai:

-Quem poderia ter feito isto com o libanês?

-Não sei meu filho, mas muito provavelmente é alguém com muita raiva dele, alguém que ele deva ter provocado demais.

Pedro então faz uma brincadeira infeliz:

-Não foi o senhor não pai?

Pedrão não admitindo a brincadeira com semblante fechado, responde:

-Sou homem suficiente para resolver meus problemas com dialogo e honra, jamais precisei apelar para o brinquedo do demônio, era assim que ele sempre se referia as armas de fogo, para mim, não é homem honrado

aquele que aponta uma arma para outra pessoa, ainda mais se esta pessoa estiver desarmada, é pura covardia. Respondeu Pedrão, ligeiramente nervoso.

-Calma Pai, responde Pedro, fiz apenas uma brincadeira, me desculpe se você não aceitou.

Pedro apenas observa calado, seu pai balbucia palavras, mas resolve não expressar claramente. Naquele restante de dia os dois não trocam mais uma palavra sequer sobre o que presenciaram. Todos dormem, Nelson não retorna para casa conforme havia prometido à seu pai.

No dia seguinte, Ana Maria que não havia pregado os olhos na noite anterior, preocupada com o sumiço de Nelson, nervosa, como toda mãe que sofre calada sem praguejar nada e nem culpar Deus ou seu filho por nada, qualquer mãe fraca psicologicamente já elegeria um culpado para jogar sua fúria, mas, ela não, jamais foi assim, Ana Maria é uma mulher forte, com todo sofrimento da vida, ela se mantém firme, é decidida e não é qualquer problema que derruba a fibra desta mulher, para ela, filhos eram sagrados, mas, se algum deles se desvirtuasse dos caminhos que ela procurou ensinar, seria capaz de amá-los da mesma forma, porem, jamais aceitaria qualquer coisa que aquele filho fizesse de ilícito, tinha seus princípios de apoiar o ser humano, mas, repugnava as atitudes ruins, fosse de quem viesse a ser.

Pedrão estava calado, preocupado com o sumiço do filho, mas, ao mesmo tempo, não expressava nenhuma benevolência em relação ao filho, por ele ter ido embora contra sua vontade e sem despedir-se da família.

Pedro o irmão de Nelson, queria apenas retomar o trabalho na lavoura.

A cidade toda estava parada, todos acompanhavam o velório do libanês, o homem mais rico da cidade, o homem mais poderoso da comarca.

Pedrão continuava sua luta na lavoura, ao mesmo tempo que, estava ainda chocado com a cena que presenciara à sua frente, a morte do comerciante, mesmo que esta morte lhe ajudasse em termos, a se livrar dos problemas com a insistência do libanês em adquirir sua propriedade.

Tuffic tinha uma herdeira, uma moça que trabalhava na loja, automaticamente qualquer posse ou propriedade que pertencesse à ele passaria para ela, mesmo aquelas que, se encontrassem em litígio processual, como o sitio de Pedrão.

Mas, para aquele homem que tombava a terra com a força bruta de um arado rude puxado por um boi velho, e no cabo de enxada, este problema estaria resolvido.

O sepultamento do senhor Tuffic ocorreu no final daquela mesma tarde, foi um enterro concorrido, como estes prêmios entregues à celebridades, a multidão compareceu ao enterro, não porque gostassem do libanês, um homem austero, sistemático ao ponto de ser grosseiro, mas, porque era simplesmente o homem mais rico da cidade e região.

A família de Pedro Ribeiro e Ana Maria Graça Ribeiro não compareceu ao sepultamento, seria um bom sinal, isso?

VII- OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS.....

Durante os dias que sucederam-se, Pedrão continuou sua luta no campo, Nelson o filho, havia partido no dia da morte de Tuffic, sem sequer despedir-se da família, o que causara uma grande magoa em seus pais. Pedro, o filho mais velho, continuava sua batalha ao lado do pai, na lavoura.

A noite durante o jantar, Ana Maria resolveu pedir ao marido que, fosse à delegacia na manhã seguinte para registrar o desaparecimento de Nelson, mesmo sabendo que ele fora embora, por não ter despedido-se dos familiares, pairavam duvidas sobre sua ida ou não à capital.

Pedrão a principio relutou, mas, acabou concordando, não pelo filho, pois ainda estava magoado com o modo como Nelson saiu de casa, mas sim, por sua mulher, que demonstrava claramente um sofrimento na face pela situação de seu filho, ela já não se alimentava direito, não estava dormindo bem, então sendo assim, seu marido resolvera ajudar de algum modo a dissipar algumas duvidas sobre o sumiço de Nelson.

Na manhã seguinte, Pedrão foi á delegacia da cidade, no local, uma velha casa assobradada que tinha um porão mofado, sem cuidados, que servia como cela para os presos, fato raro na cidade, pois quase ninguém transgredia a lei para ser preso, em sua grande maioria os habitantes da cidade se conheciam, o que facilitava o relacionamento pessoal sem crimes. A equipe operacional da policia na cidade era formada por, um delegado de policia, um escrivão e três policiais, uma viatura e nada alem disso.

O delegado de policia era conhecido por, obedecer ordens que partiam do gabinete do prefeito da cidade, o padre da cidade também tinha uma grande influencia sobre o delegado, na realidade, o prefeito e o padre eram as autoridades policiais e judiciais da cidade.

Ao entrar, Pedrão foi atendido pelo escrivão, que fez cara de poucos amigos para o humilde trabalhador, alguns minutos depois o delegado chega, passavam das dez da manhã.

O delegado senta-se em sua cadeira, estica o corpo como se estivesse alongando-se, acomoda seus pés sobre a mesa, cruzando-os, as mãos entrelaçadas atrás da cabeça, pede ao escrivão que se retire da sala e que o lavrador permaneça, tinha umas perguntas para fazer ao homem.

O delegado inicia com as perguntas:

-O senhor quer registrar o sumiço de seu filho?

-Sim, doutor, confirma Pedrão, todo encabulado.

-Bom, sobre este assunto o escrivão tomará os apontamentos necessários, eu quero é saber sobre outro assunto, e o senhor é a pessoa propicia para me responder.

-Pois não, doutor, se eu puder ajudar, responde Pedrão.

O delegado pergunta ao humilde camponês:

-O senhor foi a ultima pessoa que viu e conversou com o senhor Tuffic, não foi?

-Sim senhor, eu estava presente no momento em que ele foi baleado, tombou morto na minha frente.

O delegado faz uma pequena pausa, olha para Pedrão e retoma o assunto:

-O que exatamente o senhor fazia no escritório do libanês?

Pedrão, humildemente com uma certa ingenuidade, explica ao delegado tudo em detalhes, sobre o interesse do comerciante em suas terras.

O delegado passando levemente a mão sobre o cavanhaque, observa cada gesto corporal e das palavras do trabalhador, em seguida emenda: